

Luta económica e luta política

Costuma-se discutir se é a opressão económica que produz a opressão política, ou o contrário. A Associação Internacionall dos Trabalhadores, querendo consignar que a mudança de regime político nunca produzira nem podia produzir a emancipação dos trabalhadores, proclamava que a sujeição económica é a causa da opressão política e de todos os males sociais. E fazendo isto, exprimia o pensamento de todos os socialistas, anarquistas e não anarquistas.

Mais tarde, quando os socialistas parlamentares restringiram a luta política a uma luta eleitoral pela conquista dos poderes públicos legais mediante a penetração nos corpos legislativos, os anarquistas, aceitando erroneamente a definição dos adversários e para deles se distinguirem bem, amiúde disseram que não faziam política. E mais tarde ainda, os sindicalistas, tomando aos anarquistas mais a letra do que o espirito, afirmaram como um principio inconcusso que a luta económica basta para a emancipação, basta para tudo; e ostentaram, pelo menos em teoria, indiferença ou desprezo pela acção política.

No fundo, trata-se apenas duma distincção artificial, escolástica, que pode ser útil, se for bem compreendida, para definir os diversos aspectos, os diversos momentos da contenda social; mas que pode ser, e tem sido, causa de muita confusão de ideias e de muitos erros práticos, quando faz supor uma distincção fundamental que na realidade não existe.

Porque exploração económica dos trabalhadores e opressão política não são senão dois factos inseparáveis, ou antes, dois aspectos do mesmo facto: a sujeição do homem ao homem; a submissão dos vencidos ás vontades e interesses dos vencedores.

Nem poderia ser de outro modo. Seria inútil, oneroso, impossivel manter homens sujeitos, se não se lhes de-frutasse o trabalho, assim como seria impossivel tirar a alguém o produto do seu trabalho, se o não pudessem obrigar com a força a deixar-se espoliar.

O regime político, que na origem se reduzia ao uso directo e pessoal da força bruta por parte do mais forte, que queria gozar do trabalho alheio, é hoje um complicado mecanismo de governo; mas continua sendo essencialmente o meio de pôr em acção a força bruta para defender os privilegios adquiridos ou conquistar novos privilegios.

Alternadamente, segundo os momentos históricos e as circunstancias locais, ora são as classes já senhoras da terra e do capital que organizam a força, o governo que mais convém aos seus interesses, como hoje succede geralmente nos países civilizados; ora

são os governantes e os que sobre os governantes mais influencia tem que empregam a força para conquistar terras e homens de trabalho, como acontece hoje nas empresas coloniais. Mas, sempre, o dominio político e o privilegio económico andam estreitamente ligados, sendo cada um deles o meio da conseguir e conservar o outro. E, sem que nos desembaraçemos de um, tampouco do outro nos poderemos livrar.

Quando os republicanos mudam o regime político e deixam subsistir o privilegio económico, mesmo com a ideia de chegar depois á emancipação integral, verificam sempre—sempre verificaram—que o novo regime é como o antigo, fonte e defesa de privilegios económicos, e que a república exerce as mesmas funções que a monarchia.

E quando os sindicalistas organizam os trabalhadores para a luta económica, para reclamar e conquistar condições cada vez melhores e uma parte crescente do produto do seu trabalho e da direcção da produção, mal as suas pretensões são tais que ofendem sensivelmente os interesses dos capitalistas, acham-se eles em frente do governo, acham-se em face dos soldados.

Eis porque a luta deve ser politica e económica ao mesmo tempo: eis porque seria vão esperar a emancipação económica sem derribar o governo, como seria vão derribar o governo, se isso não houvesse de servir para pôr os trabalhadores em condições de tomar posse da terra, dos instrumentos de trabalho e de toda a riqueza existente.

Enrico MALATESTA.

A Religião e a Igreja

Todos sabem que Copernico desalojou Deus. Ignorava-se, porém, onde era o domicilio deste. Veiu então Spinoza e declarou tello descoberto: vinha a ser «o Espaço e o tempo», coisa que se acha por toda a parte. Era uma boa pillheria. Mas a padralhada não é tola e não consente que caçoem com ella. Os cardiais romanos puseram no Index a obra de Copernico, que cheirava a heresia, e os rabinos de Amesterdão excomulgaram Spinoza.

E de que se tratava nessas historias? De religião? Quall Tratava-se da dominação das Igrejas! Porque a Religião é um «momento» psiquico interior e não uma instituição social exterior. A Religião é um conjunto de representações, nascendo do espirito do homem como uma reacção dos nervos que são perturbados, do meio dos enigmas do mundo, e que achava o repouso graças a essas representações. O conteúdo dessas representações é indifferente, contanto que cumpram a sua missão que é acalmarem o nosso sistema nervoso.

Mas cada necessidade humana que quer satisfazer-se faz nascer

sempre uma classe de homens, cujo officio consiste em proporcionar essa satisfação; assim a necessidade religiosa criou sempre e por toda a parte a classe dos servidores da religião, do mesmo modo que a necessidade de fazer a barba criou os barbeiros. Enquanto são só servidores, nada ha que objectar, nem se lhes deve recusar um salario conveniente. Infelizmente, não se contentam com esse papel: organizam-se, formam Igrejas e Jerarquias e querem dominar. Nisso são bem succedidos porque os homens são fracos e tolos. Foi a Igreja Romana que se saiu nisso da maneira mais grandiosa, essa Igreja que, baseada na religião, quiz fundar a dominação do mundo e que, de facto, estendeu o seu dominio sobre numerosos Estados.

Luiz GUMPLowicz.

(Prof. na Universidade de Graz).

Fala um socialista inglês

AS ATROCIDADES

A meu ver, é extremamente reprehensivel o uso que se está fazendo das «atrocidades». Para começar, a prova aceita tanto pela commissão belga como pela francesa não é de modo algum uma prova. No meio de horribes provações, quando os nervos são torturados e completamente destruidos a faculdade de cuidadosa e escrupulosa observação, é absolutamente impossivel dizer exactamente o que succede. Uma morte horrivel torna-se uma atrocidade e a imaginação toma o lugar da observação. Sei que, se eu tivesse passado pelo que alguns desses desgraçados tiveram que sofrer, a minha narraçã dos factos não seria digna de fé objectivamente. Eu apenas saberia dizer como os horrores me tinham impressionado a mente. Além disso, tem havido tantos casos, apoiados por um testemunho aparentemente indiscutivel, que eu foram pura invenção ou puderam explicar-se satisfatoriamente, que nem sequer pode ser aceito o que parece ser a narração mais digna de crédito. E' perfeitamente assombroso que autoridades legais belgas e francesas (e supponho agora que inglesas também) tenham firmado relatórios de atrocidades colhidos em condições que um simples tribunal de policia correcçional não quereria reconhecer.

Que houve atrocidades e brutalidades, escusado será diz-lo. Que da maior parte delas seja culpado o exercito alemão, também será escusado diz-lo, em parte pela razão óbvia de ter elle estado até agora em país inimigo. Mas empregar essas coisas, que andam sempre associadas á guerra e que tem sido atribuidas a todos os exercitos em campanha, como meio de excitar os odios entre os povos para manter a guerra, é detestavelmente diabólico e deve ser reprovado por todos os homens ou mulheres de juizo são.

RAMASSY MACDONALD (deputado socialista).

NA RUSSIA

A Rússia, um dos paladinos da «guerra de libertação», continua a mostrar-se contagiada de democracia: chega-te aos bons e serás um deles.

Os cinco deputados socialistas da Duma: Badaieff, Muranoff, Samoloff, Chagoff e Petrowsky, assim como mais seis socialistas, implicados no mesmo processo, foram condenados á deportação perpétua na Sibéria, com a perda dos direitos civis. Motivo: «em sua qualidade de membros do partido socialista-democrático, os réus fizeram propaganda contra a guerra e semearam entre os operários a ideia de que toda a Europa, inclusivé a Rússia, deve ser transformada numa república democrática».

Os cinco deputados ao simulacro de parlamento russo eram antes da sua eleição, operários têxteis e metalúrgicos. A Duma, talvez por não ser um verdadeiro parlamento, não matou neles ainda o sentimento socialista e a clara visão dos interesses da sua classe. Hora lhes seja! Saudemos sincera e comovimente o seu heroismo

GRALHA

Entre as várias gralhas que infestaram o nosso número passado, contém matar uma, no artigo pela paz, na primeira página. Em vez de boicotagem imperial, o que tinhamos escrito era «boicotagem imparcial», querendo referir-nos a uma boicotagem feita a todos os países beligerantes, e não só aos de um lado, para que fosse eficaz e tivesse significação iniquivoca.

Um aviso

Uns individuos aqui do Porto, dos lados do Bomfim, que dão pelo chamado de A. Magalhães e J. Pinho, andam actualmente por Lisboa vendendo uns postais com as suas fotografias, dizendo que o produto dessa venda é para custear as despesas de viagem para a França «afim de prestarem os seus serviços nos hospitais de sangue dos aliados».

Nada nos incomodaria a acção desses humanitaristas se eles não tivessem ousado apresentar-se aos camaradas de Lisboa dizendo-se adeptos das doutrinas libertarias, e justificando o seu procedimento com a afirmação de que não pretendem mais do que explorar—o que é não mentira nenhuma—uns cobres aos patriotas guerreiros para continuarem passeando algum tempo.

Além disso, essas creaturas fazem-se acompanhar duma pobre rapariga que eles arrastaram, de Leiria, seduzindo-a com promessas varias.

Segundo nos informam, esses vigaristas originis tem abusado pulhamente da desgraçada mulher, chegando mesmo a empenhar-lhe todos os objectos que ella possuia.

Os camaradas da Juventude Sindicalista de Lisboa esforçam-se por empregar a infeliz naquella cidade, retirando-a assim da vida de miséria e devassidão a que esses perversos e mandrões a tem sujeitado.

Avisam-se os camaradas de toda a parte para que não se deixem burlar por esses figuras.

Coisas historicas

8-1900—Os ferroviarios de Barcelona, após alguns dias de greve, obtem umaumento de salario.

9-1914—Termina a greve dos officais e maquinistas da companhia de navegação «Messageries Maritimes», os quais obtiveram uma vitória completa.

10-1913—Em diferentes pontos da linha electrica de Lisboa, dão-se varias explosões.

11-1911—Acusados de heresia, são queimados em Paris, o G ráo e mestre dos Templários e um seu companheiro... Tal é a prática da ideia livre (?) apregoadá pelos católicos...

12-1914—Morre em Madrid a distinta actriz Maria Zuban.

13-1881—Os nihilistas dão cabo do czar Alexandre II, grande opressor do povo russo.

14-1913—Realisa-se em Paris um grande comicio de protesto contra reacção militarista.

Instituição humanitaria

O Instituto de Cegos Branco Rodrigues, do Estoril, (Lisboa) informon-nos ha tempos de que no Salão Cinematografico Paredes e no Club de Carcavelos se achavam contratados como musicos alguns internados daquele estabelecimento humanitário, sendo uma parte dos seus ordenados para eles e outra para a compra de instrumentos de musica em relevo.

Vão comprindo assim a divisa desta instituição: «Dar trabalho aos cegos e não camola».

Ha pouco recebemos tambem do mesmo Instituto a comunicação de que um pequeno de 8 anos, filho dum ferro-viario, se go de nascença por motivo duma cataracta congenita, obtivera vista após uma operação no Instituto de Oftalmologia.

Diz a informação referida: «Como a criança é de fraca compleição vai agora para a séde do Instituto de Cegos», no Estoril, que é um verdadeiro sanatorio, afim de adquirir forças e ao mesmo tempo receber instrução ministrada naquele estabelecimento.

Será o primeiro discipulo com vista que as professoras cegas vão ensinar e que apresentarão a exame de instrução primaria.

Bem hajam os que se dedicam a acções humanitarias.

Grupo Libertário 5 de Novembro

Convido os camaradas agrupados a comparecer no local das primeiras reuniões, na próxima quinta-feira 18 do corrente pelas 21 horas para se resolverem assuntos que ao mesmo dizem respeito. Albano, secr.

Folhetim de «A AURORA» (2)

Felipe Morales

O REBELDE

Em casa de Anselmo a opinião seguida era a mesma. Mercedes, tagarelando com as vizinhas, só sabia dizer que o João era um santo e o Basílio um doido, um rebelde, como com razão dizia o sr. cura; que não era possível pôr freio ás suas loucuras, que era a desonra da familia, que a envergonhava, e que havia de ter mau fim. O insubordinado moço provocava bem estas queixas. Um dialogo, para exemplo.

Estava-se em vésperas do carnaval. Uma noite Basílio dirigiu-se á mãe, dizendo:

—Mãe, queria que me comprasse uma roupa, porque esta já está muito coçada e sem cor.

—Como! Queres roupa nova, quando a que trazes ainda não tem três anos? Tu estás doido, meu filho?

—Doido porque peço uma coisa de que preciso?

—Mas tu não vês que estamos no fim do mês e que é preciso pagar a renda de casa e a contribuição?

—Sempre a mesma história. Nunca é ocasião para me comprar a coisa mais insignificante.

—Porque és muito exigente.

—Bom; se não quer comprarme a roupa, eu compro-a quando receber a fêria.

A cólera da mulher subiu de ponto. Pôs-se a gritar que elle ainda havia de fazer com que fossem todos postos na rua e com que lhes fosse embargado o último trapo. Elle tentava tranquilizá-la: que essa inâmia não se faria. E cerrava os punhos.

Mas ella veio pôr-se diante dele com os braços cruzados, sufocada.

—Tu estás doido? Tu queres comprometer a tranquillidade de toda a tua familia, a liberdade de teu pai, de teu irmão, a tua também, e até a honra da tua irmã? Pois nesse caso... Compro a roupa.

—Contigo ninguém se pode harmonizar: és um doido, não tens juizo nenhum, estás abandonado pela graça de Deus... Eu falarei com teu pai e veremos o que se há-de fazer.

Passeou pela sala nervosamente e disse num tom brusco:

—Entretanto vai á fonte buscar um cântaro de água.

—Então acha que depois de catore horas de trabalho eu ainda tenha vontade de ir buscar um cântaro de água? Não, mamã, não vou. Porque não vai a Luisa, que não faz nada?

—E' inútil, não queres fazer nada do que te mando. Dize-me cá, Basílio, não tens vergonha de desobedecer a teus pais? Não vês teu irmão tão obediente, fazendo tudo quanto lhe mandam, sem resmungar? No domingo passado, elle sózinho lavou a casa, foi buscar água, e á tarde ainda foi ajudar o sacristão a varrer a igreja, como mandou o sr. pároco.

—Ah! en pensava que o domingo era para descansar...

—E que tem isso com o que te mando? Oh!; devias envergonhar-te por teu irmão ter de vestir algumas vezes o que tu deixas.

—Eu envergonho-me apenas de viver mal, de fazer economias á custa das quais vivem os patrões. Se nós, os pobres, não apertássemos tanto a cinta e não trabalhassemos tanto, os salarios não esta-

riam tão baixos e os patrões tão ricos... á nossa custa. Eu quero viver bem.

Truz! truz!

—Quem é?

Era o aguazil do sr. alcaide, que vinha, da parte deste, intimar Basílio a comparecer no dia seguinte ao Ayuntamiento.

A senhora Mercedes ficou pasmada, suspensa. Pôs-se a olhar o filho, interrogando-o com os olhos, ansiosamente. Que teria elle feito, Deus meu! Uma nova loucura?

E como Basílio encolhia simplesmente os ombros, a mãe irritou-se com a indifferença mostrada em assunto tão delicado, como é tudo que se refere ás justicas, e reclamou com palavras duras e duras suposições que se lhe dissesse a verdade, toda a verdade; porque se não... E sentia desejos de bater, quando Basílio, a serenou:

—Vamos, mamã, não se aflija que não será nada.

—Mas então o que succedeu para que o sr. alcaide te mande chamar?

—Talvez uma pequena questão que tive com o filho de D. Gaspar.

—Como! Que fizeste ao filho do teu patrão?

—Pouco coisa: dei-lhe duas ou três bengaladas e outras tantas bofetadas. E' um canalha, como sabe.

—Tu és o diabo do inferno. Já não respeitas o filho do teu amo, a quem devemos tantos favores? Esqueces-te de que na sua fábrica foste criado desde pequenino, que elle sempre te considerou como um filho e que podes arranjar que teu pai e teu irmão sejam despedidos contigo? Queres desgraçar-nos?...

—Porque e patrão me dá trabalho, mal pago, devo ficar-lhe agradecido a ponto de suportar os insultos e impertinências do filho?

—Sim, devas tolerar tudo pelas razões que já sabes.

—Pois eu não respeito nem o patrão nem o filho, e quando me atacam, defendo-me.

—Eu falarei com teu pai e elle verá como acabar com a tua rebelião. E se teu pai não bastar, o sr. alcaide o ajudará.

Basilio estava calmo; mas agora irritou-se. De pé, um pouco pálido, lançou, numa voz breve, uma frase: —Veja bem, mamã; é preciso não puxar muito pelo rebeldê...

Continua.